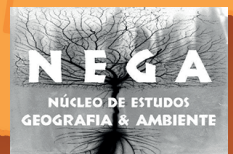


VOLUME 2  
Epistemologias  
quilombolas



# ATLAS DA PRESENÇA QUILOMBOLA EM PORTO ALEGRE/RS

Cláudia Luísa Zeferino Pires  
Lara Machado Bitencourt  
organizadoras





## Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Carlos André Bulhões Mendes, *Reitor*

Patricia Pranke, *Vice-reitora*

Júlio Otávio Jardim Barcellos

*Pró-Reitor de Pós-Graduação e*

*de Coordenação Acadêmica (PROPG)*

José Antonio Poli de Figueiredo,

*Pró-Reitor de Pesquisa (PROPESQ)*

Adelina Mezzari,

*Pró-Reitora de Extensão (PROEXT)*

José Antônio dos Santos,

*Diretor do Departamento de Educação*

*e Desenvolvimento Social (DEDS)*

Alan Alves Brito,

*Coordenador do Núcleo de Estudos*

*Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos (NEABI)*

Luis Carlos Espindula,

*Diretor da Gráfica da UFRGS*

### Instituto de Geociências

Nelson Luiz Sambaqui Grüber, *Diretor*

Paulo Roberto Rodrigues Soares,

*Coordenador do Programa de Pós-Graduação*

*em Geografia (POSGEA)*

Marcelo Argenta Câmara,

*Chefe do Departamento de Geografia*

Cláudia Luísa Zeferino Pires,

*Coordenadora do Núcleo de Estudos de*

*Geografia & Ambiente (NEGA)*

### Fomento

CAPES/POSGEA

CNPq

PROEXT/UFRGS

NEABI/UFRGS

### Parcerias

Frente Quilombola RS

Instituto de Assessoria às Comunidades

Remanescentes de Quilombos

Akkani - Instituto de Pesquisa e Assessoria em

Direitos Humanos, Gênero, Raça e Etnias

 atlasquilombosportoalegre@gmail.br | www.ufrgs.br/nega



POSGEA



**ATLAS DA  
PRESENÇA QUILOMBOLA  
EM PORTO ALEGRE/RS**

**Volume 2**

**Epistemologias  
quilombolas**

**Cláudia Luísa Zeferino Pires  
Lara Machado Bitencourt  
organizadoras**

# AMOR INSURGENTE, DE VILA DE MALOQUEIROS A LUGAR TERRITORIALIZADO, TERRITÓRIO LUGARIZADO

Nelson  
**REGO**

Tiago Bassani  
**RECH**

## A OPERAÇÃO DE IDENTIFICAR UM PARTICULAR A UM GERAL, O EXEMPLO EMPÍRICO À IDEIA

Conceito é um enunciado acerca de caracteres que permitem a operação mental de identificar um particular a um geral. Por exemplo, o conceito de mamífero permite que espécies tão diversas como elefantes, camundongos, baleias, morcegos, tigres, coelhos, humanos, cavalos e focas sejam enfeixados no mesmo grupamento de animais vertebrados de sangue quente, pele com a presença de pelos e filhotes gestados no ventre da mãe e, depois do parto, alimentados por leite sugado em glândulas mamárias. Evidencia-se um elemento determinante da operação propiciada pelo conceito: sua extensão, a possibilidade de incluir ou excluir o particular em relação ao geral. Assim, considerando os caracteres definidores do que seja mamífero, é possível incluir o golfinho entre os mamíferos e não entre os peixes, ainda que golfinhos nadem e vivam o seu tempo integralmente nos oceanos e mares.

Conceito, palavra derivada do latim *conceptus*, do verbo *concupere* – conter, formar dentro de si. Palavra que denota a noção de que é possível expressar enunciados em relação aos quais nossas operações mentais devem incluir o que ali cabe e decidir-se pela exclusão do que não se ajusta.

Conceitos referem-se desde ao que é comumente adjetivado como ocorrência concreta até o que é habitualmente classificado abstrato. Elaboremos uma conceituação sobre o belo: algo que desperta sensações de harmonia, de sublime, deleite, e exige especial experiência e percepção em comum entre quem se refere a algo classificado como belo e quem acolhe a comunicação, algo talvez nítido como vivência, mas refratário a ser explicado e fixado por enunciados sintéticos e precisos. Façamos contraste com a conceituação de rocha: agregado sólido composto por um ou mais minerais e com sua variedade descrita e agrupada em três conjuntos quanto à gênese, magmáticas, sedimentares e metamórficas.

### COMO CITAR:

REGO, Nelson; RECH, Tiago Bassani. Amor insurgente, de vila de maloqueiros a lugar territorializado, território lugarizado. In: PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado (org.). *Atlas da presença quilombola em Porto Alegre/RS*. Porto Alegre: Letra1, 2021, p. 637-663



De rochas a olhares sobre os olhares lançados às raças e etnias, o conhecimento geográfico é tecido com concretos e abstratos numa trama onde as noções de abstrato e concreto variam conforme as perspectivas em ação e as escalas nas quais as perspectivas operam.

Espaço geográfico, território, paisagem e lugar estão entre conceitos que operam complexas identificações de particulares a gerais. Porém, cuidado, essas palavras – espaço geográfico, território, paisagem, lugar – não são, por si mesmas, conceitos. São palavras. Essas palavras evocarão conceitos diversos dependendo do contexto teórico onde estiverem inseridas.

Lugar, a mesma palavra será denotativa de sentidos conceituais diversos se inserida em construção ideativa de Yi-Fu Tuan ou em construção de Milton Santos. E nuances conceituais poderão ser encontradas no interior de cada um desses dois referenciais, dependendo da época de determinada elaboração em suas respectivas trajetórias teóricas.

### **QUANDO O OBJETO PESQUISADO É SUJEITO, QUE RESPONDE AO QUE SE DIZ SOBRE ELE**

Voltemos, por instantes, aos mamíferos. Observemos, ali, a elefanta à sombra benfazeja de grande árvore. Surge agora o filhote que estava oculto atrás da perna de tronco da mãe. Ambos deslocam-se até outra árvore, mais baixa e nova, a elefanta busca folhas mais suculentas e o filhote acompanha a mãe aonde ela for. A boa alimentação da mãe garantirá a possibilidade de alimentar o filhote com leite de elevado valor nutritivo.

Ela fará isso independente de analisarmos ou não sua ação em termos de equação alimentícia e alheia ao fato de a designarmos como animal, vertebrada, sangue quente, mamífera, mãe e de escrevermos com certas licenças, como comparar a dimensão da perna a um tronco e reconstituir imaginariamente sua presença na lembrança de cena que podemos ter visto diretamente na planície africana ou na tela da tevê.

Contudo, sem que ela o saiba, nossos conceitos podem trazer consequências para a sua vida e a de seu filhote. Nossos conceitos ligam-se às suas vidas tanto pelo evitado – poderíamos enxergar a mãe elefanta menos como vida e mais como dinheiro a ser obtido do marfim – quanto pelo efeito produzido: talvez a doação de alguns dólares a mais à ONG que tenta proteger animais da obsessão de autodenominados esportistas caçadores em busca do troféu de fotografias e vídeos de seus pés e botas sobre cadáveres.

Assim também em relação ao local concebido como lugar à maneira de Tuan ou à maneira de Santos. Pensemos sobre a argila transformada nos tijolos



que formam as paredes de prédios baixos e casas no bairro Restinga, em Porto Alegre. Pensemos sobre as pessoas que nele residem.

Nós dois, Nelson e Tiago, autores deste texto, sentimos bom afeto pela Restinga. Mais intensamente, Tiago, porque é professor no bairro e cotidianamente se encontra envolvido com pessoas e vivências da docência, e faz desses envolvimento sua pesquisa-ação de doutorado. Menos, Nelson, que mantém relação indireta com o cotidiano da Restinga, mas ainda assim um bom afeto, por osmose existencial, na medida em que tem sido orientador de graduandos, mestrandos e doutorandos que pesquisam sobre a docência neste bairro. Pois bem, os dois autores do texto sentem bom afeto pela Restinga, pelas pessoas da Restinga, e isso se prolonga na forma de afeto pela paisagem do bairro, o que inclui prédios e casas na familiaridade que sua visão adquire aos olhos de visitante cotidiano. Por consequência, cores e demais aparências estão presentes nessa familiaridade e afeto e, assim, numa apreensão de conjunto, concebe-se que os tijolos que formam as paredes estão incluídos no sentimento.

Porém, é plausível supor que os tijolos não sentem o mesmo afeto pelo visitante cotidiano nem pelo seu orientador – leitora e leitor compreenderão daqui a algumas linhas que essa observação é importante e não apenas momento de gracejo no texto.

Nelson e Tiago concebem a Restinga como lugar por meio de diferentes lentes conceituais.

Para Tuan [(1974) 2015, (1979) 2015], uma determinada área que tenha significado especial de bom afeto para o indivíduo deixa de ser mero local. Eleva-se a lugar, com sua fusão de lembranças e de acontecimentos renovados, experiência de vistas, sons, cheiros, combinação acolhedora de ritmos naturais e artificiais – passado, presente, expectativa de continuidade. Em relação ao local que se torna lugar, a pessoa desenvolve sentimentos de gratidão e talvez posse, lugar que, para outros, talvez continue a ser apenas local. Quem ama o lugar talvez desenvolva contra estes outros um estado de alerta de menor ou maior intensidade, eles serão as potenciais forças adversas invasoras do lugar. Inversamente, serão meu grupo outros que compartilhem do amor pelo lugar.

Para Santos [(1996) 2017], o que define o lugar não são seus caracteres tomados apenas como o interior de um ponto no espaço, mas a consideração desse lugar como espaço de relações contextualizadas por múltiplas e imbricadas escalas, uma teia de objetos e ações com causa e efeito e que atinge tanto as variáveis internas já existentes quanto novas que irão se internalizar. Para Santos, “mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar” (2005, p.61).



O conceito topofílico elaborado por Tuan é imprescindível para compreender o sentimento de muitas pessoas da Restinga pelo bairro – e tremendamente insuficiente. O conceito elaborado por Santos é um guia poderoso e necessário para montar o quebra-cabeça desse bairro de maioria negra e pobre tantas vezes discriminada por outros habitantes da cidade, que flertam com a fantasia de morar numa metrópole branca e europeia ou ianque. Observe-se, na cidade de Porto Alegre, os nomes ingleses de centenas de restaurantes, bares, lojas, estabelecimentos de estética e de outros serviços, os nomes franceses, italianos e alemães que, juntos, somam outras centenas. E observe-se a ausência de nomes africanos. Qual cor de pele os monumentos quase exclusivamente prestigiam?

Restinga, bairro de tensões decorrentes de disputas de narcotraficantes pelo domínio, de criminalidade entranhada no cotidiano, de lembranças de crimes que ultrapassaram em muito a violência usual. Bairro de pessoas que vão para o trabalho e retornam para casa em ônibus que demonstram o motivo de comparar a superlotação a sardinhas comprimidas dentro de lata.

Mesmo assim, bairro que é lugar amado para grande parte das dezenas de milhares de pessoas que o habitam, sentimento intenso que contagia professores que moram em outros bairros, mas que ali vivem a docência.

O conceito de Tuan é insuficiente para compreender o sentimento da Restinga, pois o amor de Tuan não é vigorosamente entranhado de raiva contra a ausência de dignidade, de revolta, luta de classes, luta racial, luta pela igualdade entre gêneros.

O conceito de Santos tem a complexidade da consciência do mundo obtida através do lugar e da potência do lugar que se faz consciência crítica da teia de objetos e ações com causa e efeito que, desde fora, atinge todas as variáveis internas.

No entanto, o conceito de Tuan destaca uma placidez que se apresenta tantas vezes num fim de tarde, numa conversa com o dono da quitanda, uma placidez sem a qual algo de essencial se perderá na compreensão do bairro. Porém, o conceito de Santos virá nos trazer a necessária lembrança de que talvez o dono da quitanda pague ao narcotráfico uma taxa de salvo conduto para não ser molestado, e que o traficante, por sua vez, está sujeito a pagar taxa ao policial para que este o deixe “trabalhar”, e que polícia trata branco de um jeito e trata negro de outro jeito. Não obstante, o lugar de Tuan ressaltará a diária vibração de adolescentes no recreio escolar, no pátio, onde não discutem se o funk carioca é o melhor ou se melhor é o pop no inglês que eles não entendem, ambos são ótimos, agitam os corpos, efêmero diário que parece eterno, celebração que se sobrepõe a tudo, paixão por este lugar e por este momento. No entanto, porém, não obstante, a operação de identificar particulares empíricos a enunciados





gerais não cessará de evidenciar que a luminosa apreensão do sensível no lugar em Tuan é prenhe do vazio de uma insuficiência gritante. E que a necessária compreensão complexa e crítica, propiciada pelo lugar em Santos, poderá perder algo da alma se relegar ao posto de secundário o apelo do sensível vivido como fenômeno que pulsa aquém, durante e além em relação à análise da inserção do indivíduo ao macro.

Mas Santos, na verdade, não relega ao posto de secundário o apelo do sensível e das emoções e sentimentos que ao sensível se ligam: para ele, o lugar, ao mesmo tempo em que é o quadro de referência pragmática ao mundo e, deste, recebe solicitações e ordens precisas para ações condicionadas, é também o teatro insubstituível das paixões humanas, geradoras da multiplicidade cotidiana das manifestações de espontaneidade e criatividade.

Porém, numa abordagem realizada com apoio no conceito de Santos, não necessariamente essa atenção ao ver, escutar, tocar, sentir e às emoções e aos sentimentos ocorrerá pela via dos modos como os fenômenos inscrevem-se nas mentes. Essa atenção pode ocorrer por outras formas de apreensão relacionadas a eventos, o que também trará os afetos ao primeiro plano, mas não garantidamente os modos como os fenômenos estão inscritos nas mentes, com a multiplicidade de seus dizeres e de suas memórias.

A pesquisa geográfica inspirada em Tuan garantirá essa atenção que não será confundida com atenção ao evento, mas, sim, atenção à inscrição do evento como fenômeno nas mentes. Contudo, essa atenção inspirada em Tuan não garantidamente discernirá a outra inscrição: do mundo no lugar, da teia de objetos e ações com causa e efeito e que atinge tanto as variáveis internas já existentes quanto novas que irão se internalizar.

Retornemos aos tijolos que formam as paredes de prédios e casas de pessoas de pouca renda. É plausível supor que os tijolos não sentem afetos pelas pessoas que têm bem-querer pela paisagem do bairro, o que inclui esses tijolos. Mas recordemos a elefanta mãe, ela desconhecia os conceitos por meio dos quais era observada e comentada, mas vimos que, dependendo de nossa perspectiva – essa perspectiva que ela ignorava –, sua sorte e a do filhote podiam variar da mais nefasta até a continuidade da fruição de sombras refrescantes de árvores, de folhas tenras e suculentas, do gozo do leite da mãe. Assim, para os tijolos. Supomos que eles não retribuem ao nosso sentimento, mas nossos conceitos e o bom afeto (ou desafeto) poderão ter consequências sobre o devir de casas e prédios.

Então o que dizer se pensarmos na relação não com tijolos, mas com pessoas? Se a operação de identificar particulares a enunciados gerais interfere na existência do objeto quando este nada sabe acerca de conceitos, o que acontece



quando o objeto responde conscientemente aos conceitos, discute os conceitos, apropria-se ele mesmo, o “objeto”, da operação de discernir com quais enunciados gerais identifica seus eventos particulares e assimila essa reflexão à sua prática?

Quando o objeto de pesquisa é sujeito que se automovimenta em função da pesquisa desencadeada, ressalta-se a importância de não negar ao objeto, aliás, ao sujeito, a possibilidade de relação com dois conceitos opostos se ambos são acolhidos como necessários pelo sujeito incluso no “objeto” investigado. A oposição entre os dois conceitos, aqui se manifesta como simultânea necessidade de ambos em sua diferença. Ao invés de afastar e engendrar perspectivas estanques na (falta de) relação de uma com a outra, a diferença incita ao diálogo. A tensão da diferença se produz como atração. Ambos os conceitos favorecem a passagem da relação sujeito-objeto para uma relação sujeito-sujeito.

### **PESQUISA CONTINUADA**

Qual pesquisa? A referência feita a uma pesquisa não é relativa a algum projeto específico, ainda que um dos autores deste artigo esteja empenhado, no momento, em sua tese de doutorado e o outro, em estar junto na função de orientador. A pesquisa referida é melhor do que uma tese de doutorado: é aquela praticada in/formalmente todos os dias por vários que observam práticas, discutem conceitos e teorias, trocam ideias e propostas, e assim o fazem dentro e fora de salas de aula, de reuniões de conselhos escolares, de gabinetes docentes, dentro e fora dos horários dos contratos de trabalho. Diz respeito principalmente a quem é professor e presença cotidiana no bairro, mas também envolve a quem a acompanha desde outro lugar de escuta.

Pensar sobre conceitos é eixo central para essa prática feita por vários em rede, pois todos os dias faz-se necessário compreender acontecimentos com o auxílio do olhar teórico. No cotidiano educacional, o teórico é desestabilizado pela prática projetada pelo teórico: práxis.

Lugar definido pela pulsação topofílica ou lugar definido pela consciência crítica acerca do mundo que ali se internaliza com suas agruras e potências? Ambos, pois não se trata de tomar partido a priori por um ou por outro, é preciso escutar os “nativos” e, para os pesquisadores intérpretes dessa escuta, suas falas respondem: ambos os conceitos lhes servem para identificar experiências a enunciados e significar de outros modos os acontecimentos de sua vida.

Lugar ou território? A reflexão sobre a experiência dos acontecimentos volta a dizer: ambos. Lugar territorializado. Território lugarizado.

Apresentaremos uma explanação sobre a Restinga, sua história geográfica e um apontamento sobre a atual importância das escolas no bairro. Na



sequência, apresentaremos falas de moradores que expressarão a conquista da territorialidade. A territorialidade se encontrará com os dois sentidos de lugar referidos. Retornaremos à questão lugar/território por meio do acréscimo de conceitos de território e territorialidade que auxiliem na compreensão da Restinga. Nesse processo, será situado o grande acontecimento educacional na história e na geografia da comunidade, a implantação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Restinga.

A conquista e a produção continuada do Instituto Federal, Campus da Restinga, tornou-se catalisadora da autoconstrução da comunidade. Seu regimento, conforme publicado em 2021 no site institucional, declara que o Instituto procura promover a formação de cidadãos capazes de enfrentar e superar desigualdades, associadamente à missão de ofertar educação profissional, científica e tecnológica, inclusiva, pública e de qualidade. O site informa que o Campus Restinga, em 2020, contava com 1300 estudantes ativos, distribuídos em doze cursos, em três turnos de oferta de atividades. Cinco dos cursos são de nível superior: Licenciatura em Letras, Português e Espanhol, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Tecnologia em Eletrônica Industrial, Tecnologia em Processos Gerenciais e Tecnologia em Gestão Desportiva e de Lazer. Um é de nível técnico subsequente ao ensino médio: Guia de Turismo. Um é de nível técnico concomitante ao ensino médio: Técnico em Redes. Cinco são de nível técnico integrado ao ensino médio. Três destes são: Eletrônica, Informática e Lazer. Os outros dois são voltados à modalidade de educação de jovens e adultos no ensino médio: Agroecologia e Comércio. Além desses doze cursos, o Instituto é polo num curso de especialização a distância: Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos.

## **SIM E NÃO, A RESTINGA NO CENSO DEMOGRÁFICO**

Os dados do Censo 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística confirmam expectativas e ao mesmo tempo são contestados por moradores e observadores da Restinga.

Quanto ao rendimento médio dos responsáveis por domicílios no bairro, os dados informam que este é de 2,10 salários mínimos, enquanto a média municipal de rendimento é de 5,29, o que coloca a Restinga entre as áreas de média mais baixa de Porto Alegre. Em linha geral, essa estatística confirma o vivido dia a dia. Com índice que não chega à metade da média municipal, o bairro está entre os locais mais pobres da cidade. Num país de renda per capita não elevada associada à concentração exacerbada da renda, estar entre os mais pobres significa estar à margem de razoáveis condições de saneamento básico e de outros aspectos relacionados a equipamentos e serviços urbanos.



Os mesmos dados informam que a população da Restinga era de cerca de 52.000 moradores em 2010 (aproximadamente 3,7% da população municipal, situada em torno de 1.400.00 habitantes). Esse dado é contestado por moradores e observadores, que afirmam números notavelmente superiores para a população da Restinga e indicam o que seria o fator para a diferença entre sua estimativa e a estatística oficial: fragilidades no modo de realização do censo, o que incluiria o receio de vários dos recenseadores em percorrerem todos os recessos do bairro, caracterizado pela presença de criminosos armados que exercem controle territorial.

Outro dado desperta indagações. Segundo o censo, 41% dos habitantes da Restinga se autodeclararam negros ou pardos, índice parecido com a média dos demais bairros mais pobres (Arquipélago, Bom Jesus, Cascata, Coronel Aparício Borges, Lomba do Pinheiro e Mário Quintana), enquanto esse percentual é de apenas 3% para os bairros de maior poder aquisitivo em Porto Alegre (Bela Vista, Boa Vista, Higienópolis, Moinhos de Vento e Mont'Serrat). Esses dados confirmam o esperado: o percentual de população negra/parda na Restinga é 13,66 vezes maior do que o mesmo índice nos bairros de renda mais elevada. Porém, há indagações relacionadas ao modo como a pesquisa é realizada. Há rumores de que parte dos recenseadores induz a se declararem brancas (na escolha entre branco ou pardo) ou pardas (na escolha entre pardo e negro) as pessoas em dúvida quanto à autodeclaração. E também é comentário corrente que muitas pessoas de matiz afrodescendente menos ou mais evidente não precisam de indução alheia para se autodeclararem brancas. Tais rumores e comentários indicam que o percentual de população que poderia se declarar negra talvez seja significativamente maior do que o registrado nas estatísticas. O que nos interessa aqui não é a mensuração exata de percentuais populacionais quanto à aparência da melanina na pele, mas o registro de como a condição da pessoa negra permanece estigmatizada, ao ponto de tornar questão polêmica o que poderia não ter essa importância – as nuances da cor da pele – se o contexto social ainda não fosse de dominante desigualdade econômica associada à discriminação racial. Isso nos remete à história geográfica da Restinga.

## A REMOÇÃO E DEPOIS

A Restinga originou-se, décadas passadas, a partir de outros locais e toponímias.

Restinga é termo que designa formações sedimentares arenosas costeiras recentes (período Quaternário) e uma comunidade vegetal adaptada ao solo arenoso e ao ambiente litorâneo, conforme pode ser observado em Ribeiro (2003). A formação de restinga inclui locais nos quais o ambiente litorâneo deixou de ser presente, mas, na escala geológica, correspondem a um passado



tão recente que suas feições encontram-se preservadas. Até meados da década de sessenta, século passado, a planície arenosa, que viria a ser transformada em populosa área urbana, caracterizava-se ainda como restinga natural. Ela distava da cidade de Porto Alegre e essa circunstância foi decisiva para que tenha sido repentinamente ocupada por um contingente majoritariamente negro – distância, isto é, uma população incômoda aos olhos da sociedade branca foi removida para lá.

Chamava-se Ilhota o principal entre os locais anteriores de populações que deram origem ao aglomerado da Restinga. Localizava-se adjacente ao Centro de Porto Alegre. Estudos como os de Araujo (2019), Gamalho (2009), Soster (2001) e Zamboni (2009) reconstituem a história geográfica da transferência populacional da Ilhota para a Restinga.

Nos primeiros anos do século 20, sobre terrenos onde hoje estão a Praça Garibaldi e quarteirões inclusos no polígono formado pelas avenidas Venâncio Aires, Aureliano de Figueiredo Pinto, Érico Veríssimo, Ipiranga e Azenha, estendia-se parte da planície de inundação de dois riachos confluentes e com muitas sinuosidades em seus leitos, portanto, com pouca velocidade de vazão. Eram frequentes os alagamentos quando chovia, atingindo ruas da cidade de Porto Alegre, que já se expandira até as cercanias dessa extensa área. Os riachos receberam diferentes nomes ao longo do tempo.

O principal desses riachos era o Arroio Jacareí, conhecido também como Arroio do Sabão, hoje chamado de Arroio Dilúvio, tendo sido o seu trajeto bastante retificado e alterado em comparação ao leito daquela época. As primeiras obras, visando o redirecionamento e parcial retificação do Arroio Dilúvio, foram realizadas entre 1904 e 1906. Dessas primeiras obras, resultou que um veio remanescente do curso anterior passasse a ser braço morto, com águas paradas, fétidas e infestadas por mosquitos. O leito morto formava uma ilha de pequena dimensão, denominada Ilhota pelos populares, localizada em parte no que hoje é a Praça Garibaldi e na área contígua em direção à atual Avenida Ipiranga.

A extensão ainda permanecia sujeita a alagamentos, apesar das obras. Com o passar das décadas, esses terrenos não cobiçados pelos endinheirados nem pelos extratos médios e pobres de renda, passaram a ser ocupados pelos mais pobres que viviam em estado de miséria na cidade crescendo em torno. Constituíram-se vilas de malocas em diferentes pontos da extensão, com diferentes nomes, porém, simplificadamente, muitas vezes referidas por um nome único – a Vila da Ilhota, ou, apenas, a Ilhota.

Maloca é uma cabana de uso coletivo que caracteriza o modo de vida de alguns povos indígenas no Brasil. No Rio Grande do Sul, passou a ser usado



popularmente para designar habitações citadinas improvisadas com sobras de madeira, papelão e lona, sendo seus moradores chamados de maloqueiros. No Brasil, diferente do modo como o termo é utilizado na Europa, vila costuma designar, na linguagem popular, um conjunto urbano de casas construídas com esse modo improvisado e precário, ou seja, casebres.

Na década de sessenta, estendiam-se as vilas desses maloqueiros por uma área calculada em vinte e dois hectares, com terrenos úmidos em volta e além da ilhota formada pelos vestígios do antigo braço morto e comprimidos entre dois bairros de extrato médio de renda, Menino Deus e Cidade Baixa, e um bairro de renda entre média e baixa, Azenha.

A população das vilas (ou vila, o crescimento dos aglomerados de casebres tendia a fundi-los numa extensão contínua) era constituída pelas segunda, terceira, quarta gerações de descendentes de escravizados. Filhos, netos e bisnetos de despossuídos de terras, rendas e liberdade, sendo eles, os descendentes, também possuidores, de nascença, não de propriedades nem de facilidades, mas do estigma colado à pele pela discriminação exercida pela sociedade branca.

A eles juntavam-se imigrantes rurais resultantes do êxodo, no qual, trabalhadores do campo desde sempre sem terras ou de escassa terra eram dispensados das lavouras por proprietários e capatazes em função da mecanização do campo.

Com o tempo, muitos dos casebres haviam se encorpado de materiais menos precários e se beneficiado de trabalhos de reconstrução, tais moradias elevando-se em um degrau em sua qualidade: de miseráveis para pobres. O que significava que estava mais enraizada, nos terrenos úmidos, aquela população de biscateiros, empregadas domésticas, atendentes em lojas, funcionários públicos em funções de pouca hierarquia, operários, boêmios e também a parcela de alcoolizados, mendigos, batedores de carteiras, assaltantes e outros personagens incômodos aos olhos, ouvidos, sensibilidade e conveniências da classe média vizinha.

Araujo (2019), Gamalho (2009), Soster (2001) e Zamboni (2009) situam a remoção da Ilhota no contexto da denominada política de higienização das grandes cidades brasileiras, colocada em curso a partir da década de cinquenta não mais de maneira pontual e esporádica, mas de modo sistemático. Em Porto Alegre, as remoções de vilas de malocas, localizadas em várias partes do perímetro da área central expandida, foram justificadas com o lema “Remover para Promover”, o que significava principalmente a promessa da construção de melhores casas, pelo poder público, para os removidos.

O grande problema era que, ainda que habitações e condições sanitárias fossem precárias, as vilas estavam próximas aos locais de trabalho (como as



casas de particulares para o trabalho das empregadas domésticas, ou as lojas, para balconistas), e a remoção para promover levaria seus habitantes para longe desses locais, assim como distantes ficariam escolas e postos de saúde, sem mencionar a carência quanto ao transporte coletivo.

Em função disso, outros projetos políticos somavam-se à promessa de habitações. No caso da transferência da populosa Ilhota para a Restinga, envolvia um plano urbano completo, com instalações industriais próximas para gerar empregos, implantação de transporte coletivo, equipamentos e serviços básicos, tais como os relacionados à educação e à saúde.

Sabe-se que tais promessas foram recebidas com desconfiança pela população da Ilhota – e aqui é importante registrar que, em grande parte, reconstituir essa história somente é possível, segundo Araujo (2019), por pesquisas orais, pois a materialidade documental sofre da mesma condição à qual está sujeita a presença negra em espaços que passaram a ter maior interesse para o branco: o apagamento.

É importante observar que saneamento e urbanização do próprio local onde a Vila da Ilhota se assentava seria alternativa menos custosa do que o plano completo prometido. No entanto, tal opção aparentemente nunca figurou entre as considerações de sucessivas gestões na prefeitura da cidade.

A partir de 1966, momento em que a ditadura militar já se fazia vigente no Brasil, aconteceram parciais remoções dos aglomerados designados, na memória popular oral, tanto por outros nomes como enfeixados pelo nome único de Ilhota. Em 1967, o exército executou grande transferência populacional para a distante formação de restinga, situada no meio que, então, era rural. A remoção de 1967 foi a mais marcante por suas dimensões (não há certeza quanto ao número de alguns milhares de pessoas que ocupavam os terrenos alagadiços da Ilhota e proximidades) e pelo modo incisivo da ação do exército.

O contingente removido foi alocado numa chamada vila de transição, na qual, inexistiam infraestruturas e se reproduziram as mesmas condições de esgoto a céu aberto e precariedade habitacional, embora em terrenos secos, mas sem as compensações da proximidade do urbano em torno. Talvez em contextos anteriores tenham existido momentos de alguma verdade na propalada intenção de plano total para a transferência, mas, na conjuntura da execução, as promessas de rápida construção de moradias, de distrito industrial e de implantação de equipamentos e serviços não foram cumpridas.

Em 1970, foram iniciadas e, no ano seguinte, concluídas as obras de um conjunto habitacional. No entanto, mesmo a realização com atraso da promessa de novas habitações se mostrou duvidosa, pois estas precisavam ser compradas por meio de financiamento de longo prazo e com prestações nem tão acessíveis,



mesmo que baixas – baixas, em comparação a quais rendas? Disso resultou a evasão de parte da população transferida e, da qual, não há meios de estimar seu porcentual relativo ao conjunto reassentado, assim como originou a chegada de novos moradores, que, mesmo pobres, tinham como assumir o compromisso das prestações. Por óbvio, os evadidos se defrontaram com o destino de condição marginal mais acentuada do que antes em seu retorno à cidade. Para quem permaneceu, a precariedade anterior foi trocada pela precariedade em outra área, menos úmida, porém, distante da cidade.

Enquanto o poder público esquecia as promessas relacionadas ao novo local, nos mesmos anos subsequentes à retirada da população da Ilhota e vilas próximas, os antigos terrenos alagadiços adjacentes ao perímetro central da cidade foram saneados e urbanizados pelo poder público, o que possibilitou que os terrenos fossem incorporados como áreas de valor para empreendimentos imobiliários. Desse modo, a Vila da Restinga nasceu marcada pelos signos do engodo e do arbítrio.

Mais de vinte quilômetros separam a atual Restinga da antiga Ilhota, uma grande distância para aquela época, considerando os limites do urbano, as condições de transporte e a distribuição de equipamentos, serviços e postos de trabalho. Mesmo hoje, a Restinga continua sendo local distante, relativamente não à imutabilidade da medida em quilômetros, mas ao tempo necessário para o deslocamento, uma hora de automóvel, em dia de trânsito com o congestionamento habitual.

Mas que pertinência há em falar de deslocamento em automóvel próprio quando a população em foco é a da Restinga? Essa pertinência estaria relacionada apenas a uma minoria, sendo que o congestionamento habitual de carros é devido aos bairros de classe média que se formaram na mesma direção sul. Ônibus é a medida mais pertinente para tempo associado a deslocamento, e não só o tempo é procedente para essa avaliação, mas o conjunto das condições. Assim, podem ser até duas horas para cada uma das duas viagens diárias, ida e volta, de pé, passageiros prensados no ônibus superlotado.

No mapa 1, está delineada a área do atual bairro Restinga e aproximadamente localizada a área da extinta Ilhota e dos outros núcleos de malocas que lhe eram próximos.

Conforme diz a frase antiga, o tempo não para. No mais de meio século transcorrido desde o fim da Ilhota, a população da Restinga não cessou de aumentar e expandir-se em área ocupada. Em 1990, foi promulgada a lei municipal que oficializou o grande aglomerado como bairro, embora seus moradores, notadamente os mais velhos, ainda se refiram ao local – ou melhor, ao lugar – como a Vila da Restinga, composta pelas chamadas Restinga Velha





(crescida a partir da área onde foi originalmente assentado o contingente trazido da Ilhota e de outras vilas) e Restinga Nova (crescida a partir do conjunto habitacional construído em 1970/71). As partes velha e nova foram contornadas por diversos núcleos menores com diferentes graus de precariedade urbana, todos formando o mesmo bairro. A Restinga Nova é a parte que apresenta extrato de renda menos baixo, melhores condições infraestruturais e comércio diversificado, não obstante ser também caracterizada pela pouca renda.

Pela bibliografia disponível, e mesmo por meio daquilo que a oralidade e a memória dos antigos relatam, parece-nos imprudente, face à insuficiência dos dados, arriscar conjecturas acerca de como seriam as visões políticas da população da Ilhota e demais vilas removidas sobre o seu lugar e a cidade, o país, o mundo.

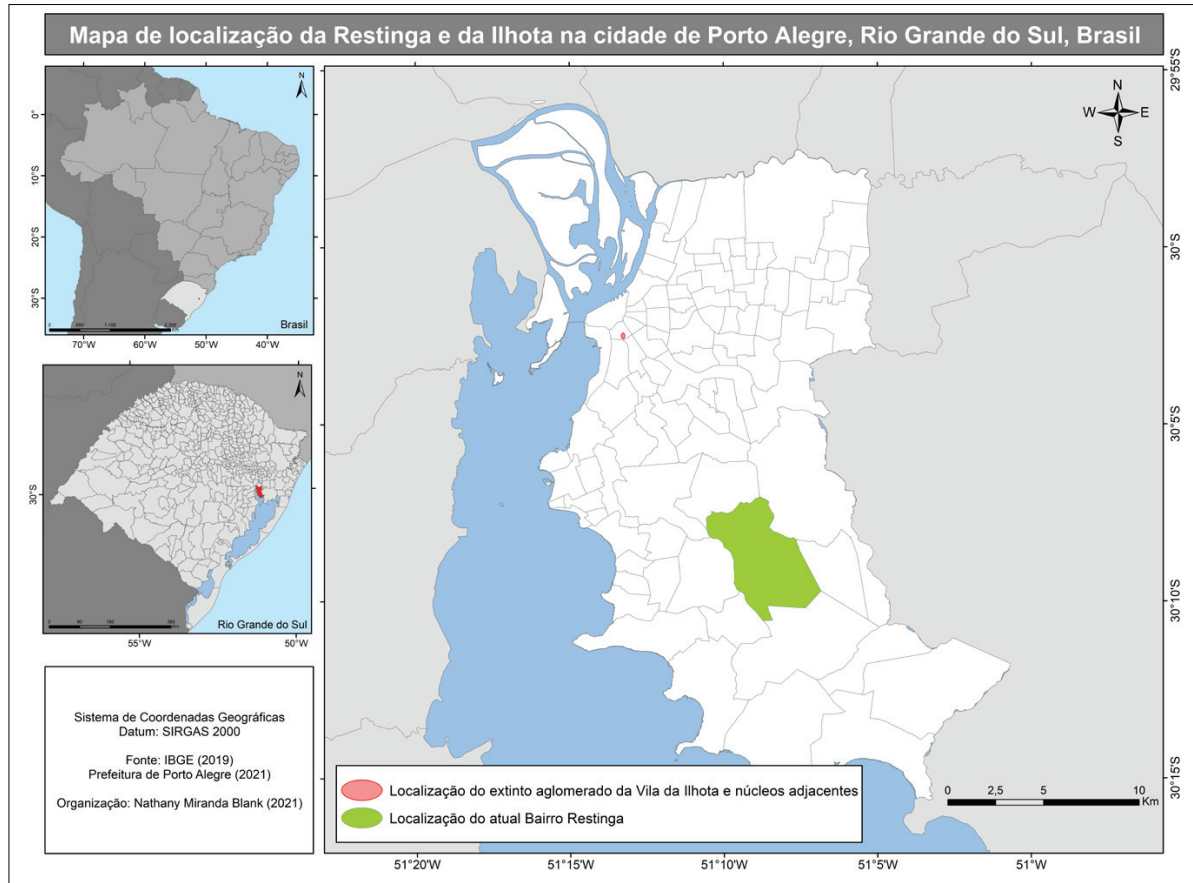
Contudo, os relatos parecem evidenciar que, ao longo do tempo, ocorreu um adensamento da consciência política do povo da Restinga. Isso estaria refletido na mobilização e organização frente às adversas condições estruturais sociais, com o aumento da capacidade reivindicatória para a obtenção de equipamentos e serviços urbanos. Por exemplo, o estudo de Gamalho (2009) indica a multiplicação dos estabelecimentos de ensino na Restinga.

Esse mesmo adensamento de consciência política estaria presente nas representações feitas acerca de si mesmos, com a valorização da cultura afrodescendente em suas múltiplas manifestações e consequente elevação de autoestima.

O acompanhamento de práticas cotidianas evidencia que as escolas na Restinga são centros onde acontecem e crescem as atenções às identidades culturais. Atenções que incluem simultaneamente o sentimento topofílico pelo lugar e a leitura crítica do mundo a partir do lugar.

### **QUALIDADE ESCOLAR E QUALIDADE DE VIDA NO ENTORNO, A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE**

Em cada escola pública brasileira existe a possibilidade para o afloramento de um paroxismo: o drama de professores obstaculizados na tentativa de realizar seu melhor trabalho pela própria estrutura educacional em que estão inseridos. Essa estrutura engloba desde a específica escola em que um determinado professor atua até as condições mais gerais que contextualizam cada local e nele se internalizam. Condições, essas, que incluem a escorchantes combinação de salários baixos com jornadas de trabalho excessivas, considerando o número de alunos por turma e o próprio número de turmas sob a responsabilidade de cada professor. Tais condições também envolvem muitas vezes uma multiplicidade de fatores associados à precariedade do entorno socioeconômico da escola.



**Figura 1** – Mapa de localização da Restinga e da região da Ilhota na cidade de Porto Alegre\*  
**Fonte:** organizado por Nathany Blank (2021), a partir de IBGE (2019) e PMPA (2021)

\*Para a elaboração do mapa de localização da Restinga e da Ilhota na cidade de Porto Alegre, foram utilizados os *shapefiles* de bairros da cidade de Porto Alegre, disponibilizados pelo *site* da prefeitura da mesma, e os *shapefiles* do estado do Rio Grande do Sul, do Brasil e da América Latina, disponibilizados pela base digital do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A localização da Ilhota foi feita, a partir da vetorização manual, utilizando, como base, os mapas históricos da cidade de Porto Alegre. Com essas informações disponíveis, foi realizada a organização dos dados no *software* ArcGIS 10.3.

Um olhar ingênuo e não familiarizado aos dramas do cotidiano docente pode gerar comentários negativos e irrefletidos sobre a falta de qualidade do ensino. Assim como um olhar ardiloso e consciente da própria malícia pode alimentar os mesmos comentários e o lugar-comum que camufla a realidade.

Gadotti (2013) reporta-se ao documento *Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável* (2005) para vincular a qualidade à quantidade. Se qualidade significa melhorar a vida das pessoas, de todas as pessoas, não há como falar em qualidade se o acesso a esta estiver restrito a uma minoria. E acrescenta: é impossível que a qualidade da educação seja boa se a qualidade de vida de uma comunidade for ruim – adversas, as condições de vida do professor e do aluno: “Não podemos separar a qualidade da educação da qualidade como um todo, como se fosse possível ser de qualidade ao entrar na escola e piorar a qualidade ao sair dela.” (2010, p. 7).



Há, pois, uma associação profunda entre querer melhorar a escola e querer melhorar o contexto no qual a escola se situa. Em sua resistência e criação de caminhos, professores constroem projetos pedagógicos em níveis variados de abrangência e em diferentes modos de interlocução com os contextos.

Moll (2006) destaca a emergência de concepções e práticas que fazem da cidade – com suas adversidades, possibilidades e desafios – o próprio espaço pedagógico a ser articulado à sala de aula e à escola. Aponta para a pedagogia que pode acontecer entre professores e alunos que trazem temas, problemas, alternativas e sujeitos da cidade para dentro da sala. A escola pode contribuir para estruturação de projeto pedagógico municipal e as bases podem contribuir para o nacional. Reciprocamente, o congressual em nível mais abrangente pode percorrer o caminho até as partes.

Ao articularmos escola e o pensar sobre a cidade contextualizada no país – por exemplo, na discussão sobre racismo e desigualdade social – torna-se oportuno recordar que o conceito de Santos considera o lugar como espaço de relações atravessadas por múltiplas e imbricadas escalas, teia de objetos e ações com causa e efeito que atinge tanto as variáveis internas já existentes quanto as novas que irão se internalizar.

Aigner (2003; 2006) Brunel (2006) e Laitano (2003) estão entre autores que demonstram um movimento impulsionado, na Restinga, por diversos sujeitos pedagógicos, vinculados tanto ao ensino no sistema formal quanto à educação não formal. Trata-se de movimento híbrido no encontro entre o institucional e o espontâneo e que produz compreensões do lugar no ambiente educacional (formal ou não formal) e produz o educacional como gerador de estudos, atividades e dizeres que repercutem na comunidade – pesquisas sobre cultura da África negra e manifestações globais e contemporâneas derivadas, análise local de problemas ambientais, relações entre juventude da periferia urbana e circulação na cidade, entre outros focos de atenção. Compreensão do lugar Restinga engloba: caracteres que se apresentam no lugar, a Restinga no contexto da cidade, a cidade no contexto do país, o país no contexto do mundo, a presença do mundo no bairro.

A comunidade da Restinga reivindica escolas. E aqui se faz necessário destacar o movimento inverso e recíproco: as escolas da Restinga reivindicam a presença da comunidade e reivindicam a favor das questões da comunidade. A Restinga reivindica Restinga: o distrito industrial que há cinquenta ou sessenta anos foi prometido; mais ônibus, pois viagem em pé e prensado duas vezes por dia é desrespeito à cidadania; mais escolas; respeito racial.



Hoje, pouco – talvez, quase nada – conseguiremos saber sobre como eram as visões de lugar, cidade, país e mundo das populações removidas da Ilhota e vilas adjacentes. Apagou-se. Hoje, podemos saber sobre a Restinga.

### **EM DUPLO SENTIDO, O SENTIMENTO DE LUGAR LEVA À LUTA TERRITORIAL; A TERRITORIALIDADE CONQUISTADA LEVA AO SENTIMENTO DE LUGAR, EM DUPLO SENTIDO**

Os diversos depoimentos a seguir são de Maria Clara Cardoso Nunes, Ênio Messias Nunes, Nelson da Silva, Djanira da Conceição, Maria Salete da Silveira Pinto, Maria Guaneci Marques de Ávila, José Luiz Ventura e Claudia Maria da Cruz, moradores de longa ou média data na Restinga e líderes comunitários.

O casal Maria Clara Cardoso Nunes e Ênio Messias Nunes foi para a Restinga cinco anos após a chegada dos removidos de 1967. Os primeiros três trechos a seguir podem ser lidos a partir da perspectiva da relação entre desterro, reterritorialização e encontro com os desterrados por outros que também vivem o drama de morar e para lá se dirigem. Vários dos moradores iniciais eram conhecidos do casal, inclusive alguns parentes, e isso, somado à impossibilidade de continuarem a pagar aluguel em endereço próximo ao centro da cidade, determinou sua ida para a área que, naquele momento, já começara a ser chamada de Restinga Velha pelos moradores. Na ocasião da mudança, Maria Clara estava mais convicta do que Ênio em relação a assumir os riscos.

Os três trechos foram extraídos de depoimentos coletados, gravados e cedidos pela historiadora Neila Prestes Araujo, que estava realizando sua pesquisa de mestrado quando se tornou amiga de Tiago e o apresentou para diversas lideranças comunitárias.

*Era um lugar totalmente desconhecido.*

*– Vão me jogar pra onde? O que eu tenho lá? Não tem nada. Não tem transporte, não tem saúde, não tem segurança, não tem água, não tem luz. Que eu vou fazer naquele lugar? Por que tão me tirando daqui pra aquele lugar?*

Este segundo trecho, sobre os acontecimentos no período que antecedeu a ida, quando, em visitas a conhecidos e parentes, foi se consolidando a decisão favorável à mudança para o novo local:

*Nós vivíamos já aqui dentro. As pessoas, os primeiros que vieram para cá, a gente já tinha essa convivência com eles aqui. Era questão de solidariedade, eles faziam questão da nossa presença aqui. Eu chegava num domingo de tarde, não me acomodava na casa dos meus parentes, eu passeava,*



*conversava com um vizinho, conversava com outro. (Encena, a seguir, a memória de diálogos passados.)*

*- O senhor não tem água na sua casa?*

*- Não, não tenho.*

*- Então tá, nós vamos procurar bica mais próxima da sua casa.*

*A gente saía, convidava os vizinhos.*

*- Vamos procurar uma bica mais próxima da sua casa pro senhor pegar água, né?*

*Então foi criando um vínculo com essas pessoas. Quando eu resolvi vir, achei que aqui era minha identidade, era minha terra. Vou embora pra Restinga, eu falei.*

*Esse aqui (encena o que Ênio dizia antes da mudança).*

*- Não, eu não vou pra esse fim de mundo... Porque eu não vou pra lá, porque não sei o quê...*

Nesses trechos, observamos o quanto foi aflitivo o dilema de ir ou não para o novo local e como elos de solidariedade surgidos em torno de ações concretas e necessárias para a vida, como procurar uma bica de água mais próxima, foram fundamentais para a tomada de decisão de Maria Clara e Ênio. Foram para o novo local porque um vínculo forte formara-se antes mesmo da ida. Esse vínculo era a resposta tanto para quem já se encontrava lá quanto para quem estava a decidir se iria ou não: o vínculo garantia a sobrevivência. De teto e água a outras necessidades, como o trabalho, que depende da possibilidade de ir e vir, a narrativa de Maria Clara testemunha sobre o dia a dia de antes:

*Não tinha ônibus. Se a pessoa tinha carro, carreta, carroça, se dizia que tinha condição própria. Mas quem não tinha, tinha que ir até a 38 (parada de ônibus), que é a Belém Novo (linha de ônibus), no entroncamento, pegar, esperar, o Belém Novo, Lami, pra ir pro Centro.*

Quase vinte anos depois, Maria Clara e Ênio estavam entre as lideranças comunitárias a lutar pela implantação de instituto federal de ensino na Restinga. E trinta anos após o início das ações em prol do estabelecimento que viria a ser o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Restinga, rememoram o processo em entrevista para Tiago, que gravou depoimentos dos moradores anteriormente citados.

Nestes trechos, Maria Clara expõe a mobilização política da comunidade:

*Tiago: Como a implantação do campus virou prioridade para vocês?*

*Maria Clara: Então, foi através da luta. Com o aumento da população da Restinga, nós começamos a pensar no futuro. Segundo grau, faculdade, a coisa toda. O que a gente pensava? População jovem da Restinga está crescendo muito, onde vamos colocar essa juventude pra estudar? Nós*



*vamos partir pra uma luta maior. Pode ser até que fique no caminho o nosso sonho, mas a gente teve que criar coragem pra lutar. O que vamos fazer? Nós começamos a se inteirar das notícias da construção de institutos federais. Quem sabe a Restinga tem condições de trazer o Instituto Federal? A participação política foi forte pra construção do Instituto Federal. Não foram os políticos, fomos nós, moradores da Restinga.*

*Isso já virando os anos 2000. Foi muita luta. Bati boca, foi muito interesse político. Só que o nosso interesse é uma política conjunta, política comunitária. E nós sofremos muito por causa disso, porque sempre tem alguém que monta em cima da política comunitária pra poder crescer. Aí nós começamos a fazer a campanha pra reivindicar o nosso anseio, o desejo que era a vinda do Instituto Federal. Batemos aqui de porta em porta, fizemos muitos encontros, muitas reuniões, muitos convites pra as pessoas se engajarem na causa, muitos líderes da redondeza aqui da Restinga. A Restinga já estava com uma quantidade de líderes comunitários que também desejavam o campus. Foi aí que a nossa força cresceu. Não era uma nem duas pessoas, eram centenas a bater de porta em porta.*

### Sobre a participação da comunidade na organização inicial do Instituto:

*Tiago: Quando o campus foi construído, como aconteceu a decisão sobre os cursos? Vocês participaram também?*

*Maria Clara: Ah, participamos, a gente achava assim, num primeiro momento, que o curso técnico teria que começar pela informática. Notamos uma revolução muito grande. A informática estava dominando todos os campos de trabalho, então nós queríamos avançar também. Então vamos começar pelo começo, informática. Que daí, depois da informática, vem o próximo curso. Eu vi a maior explosão de interessados.*

### Sobre os significados retrospectivo e atual do Instituto:

*Tiago: Hoje, olhando o campus, o que ele significa para vocês?*

*Ênio: Revolução e uma grande evolução.*

*Maria Clara: Essa revolução, como é que eu vou dizer? É uma revolução do bem. Porque o que não se tinha lá nos anos 70, o que não se acreditava até meados dos 80, aconteceu. E tudo que não se acreditou de repente acontece, é uma revolução. Mas é uma revolução do bem. Junto com essa revolução vem uma evolução muito benéfica pra uma comunidade que necessita mesmo, uma população pobre que não tem condições de ingressar numa faculdade particular, até mesmo não tem condições de conseguir vaga na faculdade pública. Ela agora tem aquilo ali, essa base, tem esse escoro.*

### Sobre os sentimentos pessoais:

*Tiago: E hoje, qual o sentimento pelo campus?*

*Maria Clara: Olha, como minha casa. Esse é o verdadeiro sentimento, minha casa porque eu gosto de onde tem educação, onde tem rede de ensino, uma construção de ensino bem organizada, bem dirigida.*



*Tiago: A senhora caracteriza como, esse campus que é resultado de trabalho seu e de várias pessoas? A senhora disse que sente como se fosse sua casa. Pode explicar mais o sentimento?*

*Maria Clara: Olha, porque leva anos e anos pra construir uma casa. Então, tudo que tu coloca na construção da casa, tu valoriza. Até um prego colocado na madeira precisa de cuidado pra que não se deteriore. Tem que fazer manutenção da casa pra ela não se deteriorar. E assim é o Instituto. Eu vou lá até hoje. Eu vou e me sinto no dever de continuar. Dessa história eu faço parte. É uma conquista da nega velha aqui, de outros velhos que estão aí, uns que já partiram. Outros, que ainda estão aí, têm o mesmo sentimento.*

Nelson da Silva está entre os moradores mais antigos da Restinga, junto com Maria Clara e Ênio. Em entrevista para Tiago, ele se refere ao estigma sofrido pelos primeiros moradores:

*O pessoal dizia morou na restinga, é marginal. Porque era absolutamente impossível sem uma condução, um posto de saúde não tinha aqui. Se desse qualquer coisa com a tua família, tu tinha que ir até o Pronto Socorro ou até a Santa Casa. Não tinha recurso nenhum, nada. Mas essa situação foi se modificando.*

Recordemos que os ônibus demoravam demasiadamente a passar na Restinga. Isso, somado à distância até o Pronto Socorro e a Santa Casa na área central, situa a hipótese “se desse qualquer coisa...”, mencionada por Nelson. Ou seja, ninguém moraria na Restinga se não fosse marginal, que no estereótipo internalizado no senso comum não significa à margem, posto à margem pelo processo social, mas, sim, bandido. A compreensão do peso desse estereótipo demonstra o sentido decisivo contido no simples dizer “mas essa situação foi se modificando”, que atesta a luta da população para a melhoria de suas condições de vida.

Sendo a territorialidade a expressão de um modo de viver, que, para existir, precisa disputar e conquistar ao menos um parcial nível de posse sobre determinada parcela do espaço, essa parcela de espaço, menor ou maior, pode ser concebida como território – menos ou mais consolidado – do contingente populacional com algum grau de coesão societária e que ali exerce o modo de viver em questão.

Eixo fundamental a ser pensado nesse enunciado que formulamos diz respeito exatamente a esse “menos ou mais consolidado”, principalmente ao “menos”. Trata-se mesmo de território sob essas condições denotativas do relativismo expresso pelo “parcial nível de posse”?

Nos depoimentos, podemos observar que há um esforço em busca de conquistar territorialidade, isto é, conquistar expressão para um modo de melhor viver que, para tal, precisa crescer em sua capacidade de ingerência sobre uma parcela do espaço. E observa-se que essa luta tanto fomenta quanto



é alimentada por: 1) sentimento topofílico, 2) consciência do atravessamento do lugar pelos dramas do mundo, e também por suas possibilidades.

Há esforços cotidianos por apropriações. Isso nos remete à formulação de Haesbaert (2004) quanto a não se reduzir a noção de território a um binarismo expresso meramente em termos de ter-se, ou não, a hegemonia. Mais do que sim ou não congelados: existe o movimento. Haesbaert refere-se a posses – em muito, simbólicas – que marcam o diverso e o complexo a desestabilizar o estabelecido e a engendrar novas estabilidades associadas a territorializações parciais e provisórias.

Zambrano (2001) sintetiza: território se conquista. Mais do que a estreiteza do binarismo do “sim, ali existe um território” ou “não, ali não existe um território”, Zambrano propõe atenção para um sentido de pertencimento a uma comunidade que confronta com a ordem de outros e se organiza de acordo com padrões de diferenciação frente a essa ordem confrontada: há território em processo.

Observe-se como esta fala de Djanira da Conceição corporifica o comentado por Haesbaert e Zambrano:

*Às vezes a gente marcava reunião pra sábado, a gente chegava lá e o Centro Administrativo da Restinga estava fechado. Daí, muitas reuniões a gente fazia na rua, a gente se sentava na calçada e a gente fazia. Às vezes o cara do barzinho era parceiro. Vocês sentem aqui, ele dizia pra nós. A gente comprava uma garrafa de café, ficava ali fazendo as reuniões. Teve uma época que os guris da resistência tiveram que ocupar o Centro Administrativo.*

*A gente fez inúmeras lutas pela Restinga. Quando a gente faz a gente nem se dá conta, né? Agora a gente olha e pensa. Bá, mas não é que a gente foi corajoso? Como é que a gente enfrentou isso? E a gente não tinha medo, a gente ia e fazia. Como tantas lutas também que teve pelos ônibus. A gente deitava no chão. O único jeito que eles arrumaram pra tirar as pessoas de lá foi dando serviço pra quem não tinha.*

*Então teve essas histórias e eu fico muito feliz hoje. É a concretização de um sonho, que foi a Restinga sair das páginas policiais pra as páginas da educação.*

O depoimento de Maria Salete da Silveira Pinto amplia a exposição feita por Djanira sobre o crescendo acontecido na organização da comunidade:

*Para estudar era uma dificuldade, eram dias e dias indo na Secretaria de Educação rezando para conseguir uma vaga e as escolas não davam. (Maria Salete refere-se à busca de vagas para seus filhos)*

*A gente fez um levantamento superficial e encontramos mais de 700 crianças e adolescentes que estavam fora da escola. Os governos diziam que não, que dentro da Restinga tinha escola pra todo mundo. Nós conseguimos provar que não era verdade. Fizemos três dias de inscrição dentro da escola pra quem estava fora da escola. Fizemos uma vaquinha, pagamos carro*





*de som pra passar na Restinga toda e incentivar as pessoas a ir lá e dizer quem não tinha escola.*

Este outro trecho do depoimento de Maria Salete demonstra a complexidade a que chegou o movimento:

*Nós fizemos acho que uns três grandes seminários, assim com mais de 150 pessoas participando. Grandes seminários pra decidir que escola nós queríamos pra nossa comunidade. Porque ela tinha que ser diferente. Nós fizemos um levantamento de cursos, pra ver quais eram os cursos mais apropriados pra comunidade. Nós discutimos muito a questão da Restinga ser quase que uma área rural. Então nós temos que atingir esse público que mora em sítios ao redor, com a questão da agroecologia. Cursos que começassem a dar suporte pra comunidade se desenvolver. Então os primeiros cursos saíram desses seminários.*

*E a construção também. Ela tinha que ser uma construção que não gastasse muita luz, que tivesse luminosidade, que tivesse aquela entrada de ar, sabe? Foi construído de uma forma que gasta quase nada de luz porque recebe luz de todos os lados. Todas essas características foram coisas que se discutiu muito, sabe?*

Os depoimentos de Djanira e Maria Salete exemplificam formas diferentes e complementares de posse. Cada uma, ao seu modo e no seu momento, por certo, necessária. Convergentes no objetivo em comum.

Haesbaert e Zambrano enfatizam o simbólico contido na posse. A posse veicula o simbólico e é veiculada pelo simbólico. A posse não se reduz ao simbólico e não há posse sem o simbólico. Em todas as falas aqui reproduzidas, a expressão do simbólico no longo processo de posse engloba desde a escolha de palavras para caracterizar relações de solidariedade e confrontação até o que poderia ser sinalizado com a constituição de cursos que estabelecessem tanto oportunidades frente ao trabalho quanto pontes entre sujeitos urbanos e rurais, entre vizinhos e outros que, no sentimento ampliado, também passam a ser próximos. A construção do grande prédio é plena de simbolismos, onde técnica, cuidado ambiental e o dialógico dos seminários se encontram, e o receber “luz de todos os lados” abre para uma multiplicação de significados. O que dizer do ato de fazer o censo dos que estão fora da escola dentro da escola e com isso provar que o discurso oficial era falso e o discurso da comunidade, verdadeiro?

“Então tá, nós vamos procurar bica mais próxima da sua casa.” “Não era uma nem duas pessoas, eram centenas a bater de porta em porta.” “O pessoal dizia morou na restinga, é marginal.” “Muitas reuniões a gente fazia na rua, a gente se sentava na calçada e a gente fazia.” “Os guris da resistência tiveram que ocupar.” “A gente deitava no chão.” “Nós conseguimos provar que não era verdade.” “Grandes seminários pra decidir que escola nós queríamos pra nossa



comunidade. Porque ela tinha que ser diferente.” “É a concretização de um sonho, que foi a Restinga sair das páginas policiais para as páginas da educação.” Entendemos que esses são exemplos do empírico guardado em memórias que se manifestam como narrativas da saga comunitária e podem ser identificados à ideia: a posse não se reduz ao simbólico e não há posse sem o simbólico.

O sentir-se pertencente gera perspectivas de destino compartilhado estendidas no tempo e no espaço. Manifestam-se vínculos entre presente, memória e projeto de futuro nestas três falas, respectivamente, de Maria Guaneci Marques de Ávila, José Luiz Ventura e Cláudia Maria da Cruz:

*Eu não consigo mensurar a satisfação que tenho, de ter lutado muito, de ter apanhado muito, porque a sociedade não entendia. O poder público não entendia a importância dessa escola no nosso bairro.*

*Uma coisa bem importante pra comunidade sentir assim, ah, eu sou um exemplo, eu entrei, eu não teria curso superior se não tivesse entrado no IF. Então isso aí mostra que, além de ter uma força de vontade, tu ter o espaço que te aceita abre muitas portas. Isso serve de incentivo pros jovens e pros mais velhos.*

*Para isso que foi pensado, para isso que foi defendido com unhas e dentes. Por isso que eu digo que, depois da conquista do Campus, veio uma nova luta. Veio a destinação das verbas, o projeto da continuação. Mas tudo teve etapas, não foi estalar os dedos e estava tudo pronto, a gente sabe disso.*

Haverá melhor demonstração de sentimento de pertença, destino compartilhado, do que preparar o futuro para os próximos e reconhecer heranças recebidas nos vínculos entre gerações?

Para Haesbaert (2004), reconhecer o caráter imanente do esforço de territorialização na vida de indivíduos e grupos sociais abre para outro reconhecimento – do potencial desse caráter imanente para perspectivas políticas.

O longo processo de posse que os depoimentos narram, des/contínuo e complexo, com toda sua carga em busca de legitimação simbólica, procura produzir-se como algum contrapoder na medida em que confronta a estrutura social que marginaliza seus sujeitos e mais marginalizaria se, por estes, num crescendo de organização, não fosse confrontada. A diferença de destinos entre as populações da Ilhota e da Restinga evidencia a mudança a que pode chegar esse crescendo de territorialização do contrapoder dos periféricos na arena das negociações com o poder.

Há o poder do capital, que, se não confrontado, reduz pessoas a recursos e, por extensão, a sub-recursos e não-recursos, e as pode levar ao desenraizamento absoluto, pois recursos existem para serem alocados e desalocados. Há o poder do Estado em níveis variados e contraditoriamente articulados, que pode reduzir-



se ou não a aparelho do capital, assim como pode tornar-se, o Estado, a razão de si mesmo a serviço da reprodução de seu poder em separado da sociedade. Há o poder do narcotráfico, que viceja nas feridas do tecido social e explicita a violência como possibilidade sempre latente na constituição do poder.

A produção de sua territorialidade, expressão do modo de viver num território em processo, vem conduzindo a comunidade da Restinga ao sentimento de lugar em duplo sentido: topofílico e consciência crítica do mundo a partir do lugar. O sentimento de lugar em duplo sentido vem conduzindo a comunidade da Restinga à produção de sua territorialidade.

Há miséria, barbárie, alienação. Há processo.

Há conjunto de questões de luta – há uma mesma/múltipla luta e, nesta, a conquista e produção continuada do Instituto Federal, Campus da Restinga, tornou-se catalisadora da autoconstrução da comunidade.

### **LUGAR TERRITORIALIZADO; TERRITÓRIO LUGARIZADO**

Ante o afeto pelo lugar e a discriminação que este sofre, poderíamos fazer a pergunta: amor ou indignação? No entanto, a pergunta estaria pressupondo excludentes entre si o amor e a indignação, e o pressuposto é tolo. O amor haverá de indignar-se quando pessoas, unidas por sentimento de pertença, conscientizarem-se umas às outras das agressões ao seu destino compartilhado. Amor indignado. Indignação amorosa.

Lugar territorializado: amor pelo lugar forma perspectivas para a consciência do mundo, consciência do mundo forma perspectivas para o amor pelo lugar, consciência e amor realizam-se na defesa e, portanto, posse do lugar como território a ser produzido por consciência e amor em processo por sujeitos que, em graus variados, compartilham destino associado ao lugar e ao desdobramento do lugar em território.

Território lugarizado: apossar-se ou estar em movimento de posse de um território é condição para a territorialidade como expressão de um viver possibilitado por esse território e, dependendo dos sujeitos desse viver, o território pode passar a significar lugar de referência para sentimento de pertença e de destino compartilhado, lugar no mundo e diante do mundo para o qual os sujeitos afirmam simultaneamente sua diferença e identidade.

Dizendo de modo mais simples e não menos verdadeiro. Por que precisa ser protegido, o lugar de amores e de consciência do mundo precisa afirmar-se posse e diferença em confronto, território. Por que possibilita a vida em amores e consciência do mundo, o território de luta significa-se também como lugar de amores, lugar de consciência do mundo. Lugar e território, ao mesmo tempo.



As concepções de lugar territorializado e território lugarizado, a partir da experiência da Restinga, não indicam a tentativa de demarcação de linha rígida ao redor de uma área. Os depoimentos demonstram que não se trata de estabelecer muro entre um dentro e um fora: a luta que confronta é também reivindicação pela educação como um dos fatores – fator fundamental – para a inserção cidadã da comunidade na cidade, no país, no mundo. Há afirmação de sua diferença diante da história e da geografia que, desde muito antes da Ilhota e desde muito além do espaço da antiga vila dos maloqueiros, produzem diáspora e marginalidade. Mas essa afirmação da diferença é ao mesmo tempo reivindicação pelo que lhes poderá incluir (eles acreditam) de outro modo – digno – na sociedade que confrontam. O quanto de ilusão eles talvez carreguem? Os autores deste texto avaliam que ilusório e arrogante seria acreditar que esta pergunta possa ser respondida *a priori* em relação à história e à geografia do mundo, do país, da cidade em movimento.

O que ressaltamos é que, ao reivindicarem inclusão cidadã para si (e, em movimento de ampliação, para outros), em alguma pequena medida, os habitantes da Restinga modificam a sociedade que confrontam. E qual a medida para predizer até onde o pequeno poderá crescer?

Nosso objetivo não foi fazer um cotejo entre diversos conceitos acerca de lugar e território – trazíamos definidas duas perspectivas de lugar e uma de território desde o diálogo situado na pesquisa continuada, praticada in/formalmente todos os dias por vários que observam práticas, discutem conceitos e teorias, trocam ideias e propostas, e assim o fazem dentro e fora de salas de aula, de reuniões de conselhos escolares, de gabinetes docentes, dentro e fora dos horários dos contratos de trabalho.

Se a operação de identificar particulares a enunciados gerais interfere na existência do objeto quando este nada sabe acerca de conceitos, o que acontece quando o “objeto”, isto é, o sujeito responde conscientemente aos conceitos, discute os conceitos, apropria-se ele mesmo da operação de discernir com quais enunciados gerais identifica seus eventos particulares e assimila essa reflexão à sua prática?

## REFERÊNCIAS

AIGNER, Carlos Henrique de Oliveira. Educação Popular em Porto Alegre, geografia e cidadania. In: REGO, Nelson; AIGNER, Carlos; PIRES, Cláudia; LINDAU, Heloísa (org.). **Um Pouco do Mundo Cabe nas Mãos, geografizando em educação o local e o global**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

AIGNER, Carlos Henrique de Oliveira. Geografia e Educação Ambiental: construindo a cidadania a partir da valorização do lugar na Escola de Municipal Professor Larry



Ribeiro Alves. *In*: REGO, Nelson; MOLL, Jaqueline; AIGNER, Carlos (org.). **Saberes e Práticas na Construção de Sujeitos e Espaços Sociais**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

ARAUJO, Neila Prestes. **Origens do Bairro Restinga, entre versões, a inversão do olhar sobre a memória**: uma história autocentrada no discurso do sujeito subalterno sobre o processo de ocupação da comunidade entre 1967-1971. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

BRASIL. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Restinga. **Missão, Visão, Valores e Temas – Instituto Federal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Restinga, 2021. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/pdi-2019-2023/missao-visao-valores-e-prioridades/>. Acesso em: 1º mar. 2021.

BRUNEL, Carmen. Os “Estranhos” na Escola e na Cidade: reflexo de um fenômeno estigmatizante que afeta os jovens que habitam a periferia das grandes cidades. *In*: REGO, Nelson; MOLL, Jaqueline; AIGNER, Carlos (org.). **Saberes e Práticas na Construção de Sujeitos e Espaços Sociais**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

GADOTTI, Moacir. **Qualidade na Educação**: uma nova abordagem. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2010.

GAMALHO, Nola Patrícia. **A Produção da Periferia**: das representações do espaço ao espaço de representação no Bairro Restinga – Porto Alegre/RS. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico – 2010**: Características da população e dos domicílios. Resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>. Acesso em: 1º mar. 2021.

LAITANO, Gisele Santos. O Movimento Hip-Hop no Bairro Restinga: da prática profissional à descrição fenomenológica. *In*: REGO, Nelson; AIGNER, Carlos; PIRES, Cláudia; LINDAU, Heloísa (org.). **Um Pouco do Mundo Cabe nas Mãos, geografizando em educação o local e o global**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

MOLL, Jaqueline. Cidade, Poder Local e Juventude: novos itinerários educativos. *In*: REGO, Nelson; MOLL, Jaqueline; AIGNER, Carlos (org.). **Saberes e Práticas na Construção de Sujeitos e Espaços Sociais**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.



RIBEIRO, Wagner Costa (org.). **Patrimônio Ambiental Brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017 [1996].

SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SOSTER, Ana Regina de Moraes. **Porto Alegre**: a cidade se reconfigura com as transformações dos bairros. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

UNESCO. **Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014)**. Brasília: UNESCO, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2015 [1977].

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2015 [1974].

ZAMBONI, Vanessa. **Construção Social do Espaço, Identidade e Territórios em Processos de Remoção**: O Caso do Bairro Restinga – Porto Alegre/ RS. 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Planejamento) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ZAMBRANO, Carlos Vladimir. Territorios plurales, cambio sociopolítico y gobernabilidad cultural. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, n. 21, 2001.

## REFERÊNCIAS CARTOGRÁFICAS

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. *Mapas digitais da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade*. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/carta-de-servicos/mapas-digitais-da-smamus>. Acesso em: 26 mar. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Geociências*. Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/todos-os-produtos-geociencias.html>. Acesso em: 26 mar. 2021.

